



Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética 3

Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

 **Atena**
Editora
Ano 2019

Kelly Cristina Campones
(Organizadora)

**Ensino e Aprendizagem como Unidade
Dialética**
3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
E59	Ensino e aprendizagem como unidade dialética 3 [recurso eletrônico] / Organizadora Kelly Cristina Campones. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ensino e Aprendizagem Como Unidade Dialética; v. 3) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-482-5 DOI 10.22533/at.ed.825191507 1. Aprendizagem. 2. Educação – Pesquisa – Brasil. I. Campones, Kelly Cristina. CDD 371.102
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O e-book intitulado como: “Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética”, apresenta três volumes de publicação da Atena Editora, resultante do trabalho de pesquisa de diversos autores que, “inquietos” nos seus mais diversos contextos, consideraram em suas pesquisas as circunstâncias que tornaram viável a objetivação e as especificidades das ações educacionais e suas inúmeras interfaces.

Enquanto unidade dialética vale salientar, a busca pela superação do sistema educacional por meio das pesquisas descritas, as quais em sua maioria concebem a importância que toda atividade material humana é resultante da transformação do mundo material e social. Neste sentido, para melhor compreensão optou-se pela divisão dos volumes de acordo com assunto mais aderentes entre si, apresentando em seu volume I, em seus 43 capítulos, diferentes perspectivas e problematização acerca do currículo, das práticas pedagógicas e a formação de professores em diferentes contextos, corroborando com diversos pesquisadores da área da educação e, sobretudo com políticas públicas que sejam capazes de suscitar discussões pertinentes acerca destas preposições.

Ainda, neste contexto, o segundo volume do e-book reuniu 29 artigos que, constituiu-se pela similaridade da temática pesquisa nos assuntos relacionados à: avaliação, diferentes perspectivas no processo de ensino e aprendizagem e as Tecnologias Educacionais. Pautadas em investigações acadêmicas que, por certo, oportunizará aos leitores um repensar e/ou uma amplitude acerca das problemáticas estudadas.

No terceiro volume, categorizou-se em 25 artigos pautados na: Arte, no relato de experiências e no estágio supervisionado, na perspectiva dialética, com novas problematizações e rupturas paradigmáticas resultante da heterogeneidade do perfil acadêmico e profissional dos autores advindas das temáticas diversas.

Aos autores dos diversos capítulos, cumprimentamos pela dedicação e esforço sem limites. Cada qual no seu contexto e pautados em diferentes prospecções viabilizaram e oportunizaram nesta obra, a possibilidade de ampliar os nossos conhecimentos e os diversos processos pedagógicos (algumas ainda em transição), além de analisar e refletir sobre inúmeras discussões acadêmicas conhecendo diversos relatos de experiências, os quais, pela soma de esforços, devem reverberar no interior das organizações educacionais e no exercício da constante necessidade de pensar o processo de ensino e aprendizagem como unidade dialética.

Cordiais saudações e meus sinceros agradecimentos.

Kelly Cristina Campones

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CARACTERÍSTICAS DAS UNIDADES DE ATENDIMENTO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS NA REDE PRÓPRIA DE ASSISTÊNCIA ESPECIALIZADA E NA URGÊNCIA E EMERGÊNCIA DO MUNICÍPIO DE ANÁPOLIS-GO	
<i>Bráulio Brandão Rodrigues</i> <i>Nathália Ramos Lopes</i> <i>Daniela Cristina Tiago</i> <i>Danianne Marinho e Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915071	
CAPÍTULO 2	12
A EXPERIMENTAÇÃO ATRAVÉS DE UMA ABORDAGEM INVESTIGATIVA PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO QUÍMICO	
<i>Paulo Vitor Cardoso Figueiredo</i> <i>Angelita Silva Machado</i> <i>Samuel Robaert</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915072	
CAPÍTULO 3	21
AÇÃO EDUCACIONAL PARA CONTROLE DA GLICEMIA SANGUÍNEA: RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Sally Cristina Moutinho Monteiro</i> <i>Ilka Kassandra Pereira Belfort</i> <i>Leticiane Teixeira Castro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915073	
CAPÍTULO 4	33
APLICAÇÃO DE METODOLOGIA COM ENFOQUE CTS NO CURSO DE FARMÁCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	
<i>Kione Baggio Bordignon</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915074	
CAPÍTULO 5	38
ARTE-PERFORMANCE: EXPERIMENTAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA	
<i>José Valdinei Albuquerque Miranda</i> <i>Carla Alice Faial</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915075	
CAPÍTULO 6	51
AS “TRÊS MARIAS” E O SOL: RECURSO DIDÁTICO À LUZ DA EPISTEMOLOGIA DE GASTON BACHELARD	
<i>Marcelo Antonio Amorim</i> <i>Edite Maria dos Anjos</i> <i>Virgínia Marlene Correia</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915076	

CAPÍTULO 7	57
CURSOS TÉCNICOS A DISTÂNCIA: A EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA PROFUNCIÓNÁRIO NA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO	
<i>Marize Lyra Silva Passos</i>	
<i>Danielli Veiga Carneiro Sondermann</i>	
<i>Isaura Alcina Martins Nobre</i>	
<i>Mariana Biancucci Apolinário Barbosa</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915077	
CAPÍTULO 8	71
DESCONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS NO ESPAÇO ESCOLAR: COMPARTILHANDO EXPERIÊNCIAS – ARTE, EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
<i>Mikael Miziescki</i>	
<i>Marcelo Feldhaus</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915078	
CAPÍTULO 9	76
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA: O IFPR – CAMPUS PARANAÍ EM CONTEXTO	
<i>Valeriê Cardoso Machado Inaba</i>	
<i>José Barbosa Dias Júnior</i>	
<i>Antão Rodrigo Valentim</i>	
<i>Rafael Petermann</i>	
DOI 10.22533/at.ed.8251915079	
CAPÍTULO 10	86
ESCOLA E UNIVERSIDADE: FORTALECENDO DIÁLOGOS ATRAVÉS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	
<i>Edileuza Dias de Queiroz</i>	
<i>Renato Gadioli Augusto</i>	
<i>Guilherme Preato Guimarães</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150710	
CAPÍTULO 11	97
EXPERIMENTOS INVESTIGATIVOS NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA	
<i>Raquel Pereira Neves Gonçalves</i>	
<i>Mara Elisângela Jappe Goi</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150711	
CAPÍTULO 12	107
FIOS E TRAMAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO CURRICULAR: SABERES E FAZERES NA FORMAÇÃO DOCENTE NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	
<i>Regina Celi Frechiani Bitte</i>	
<i>Vilmar José Borges</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150712	

CAPÍTULO 13	122
HIDROGÊNIO: UM OBJETO DE APRENDIZAGEM PARA O ENSINO DE QUÍMICA ORGÂNICA	
<i>Ingrid Souza Brikalski</i>	
<i>Denis da Silva Garcia</i>	
<i>Claiton Marques Correa</i>	
<i>Bruno Siqueira da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150713	
CAPÍTULO 14	128
INTEGRANDO JUVENTUDE E INFÂNCIA: ENSINANDO E APRENDENDO EM DIFERENTES CONTEXTOS	
<i>Camila Ribeiro Menotti</i>	
<i>Elexandra Sueli Wagner</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150714	
CAPÍTULO 15	137
METODOLOGIA DE PROJETOS E A EXPERIÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
<i>Andréa Cristina da Silva Viana</i>	
<i>Raquel Aparecida Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150715	
CAPÍTULO 16	144
O ESTÁGIO COMO ENCONTRO NOS CURSOS DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA	
<i>Sandra Regina dos Reis</i>	
<i>Klaus Schlünzen Junior</i>	
<i>Okçana Battini</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150716	
CAPÍTULO 17	158
OS DESAFIOS DAS PESQUISAS NO CAMPO DA ARTE E DA EDUCAÇÃO: CARTOGRAFANDO POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS	
<i>Aurélia Regina de Souza Honorato</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150717	
CAPÍTULO 18	167
POBREZA DE EXPERIÊNCIA CONTRAPONDO-SE AO ACÚMULO DE INFORMAÇÕES NO SÉCULO XXI, À LUZ DAS TEORIAS DE JORGE LARROSA E WALTER BENJAMIN	
<i>Mariluci Almeida da Silva</i>	
<i>Cintia Luzana da Rosa</i>	
<i>Janine Moreira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.82519150718	
CAPÍTULO 19	172
RECICLAGEM DE MATERIAIS – UMA PROPOSTA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO ENSINO MÉDIO	
<i>Venina dos Santos</i>	
<i>Maria Alice Reis Pacheco</i>	
<i>Magda Mantovani Lorandi</i>	

Paula Sartori

DOI 10.22533/at.ed.82519150719

CAPÍTULO 20 186

REESTRUTURAÇÃO DE CURSOS DE GRADUAÇÃO DE LICENCIATURA: RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA

Eliane Paganini da Silva

DOI 10.22533/at.ed.82519150720

CAPÍTULO 21 199

TEXTOS ESCRITOS- O DIZER ÀS MARGENS: O DITO E O NÃO DITO NA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS

Vânia Carmem Lima

DOI 10.22533/at.ed.82519150721

CAPÍTULO 22 206

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO E O TRATO COM A DIVERSIDADE NA ESCOLA PÚBLICA: TAREFAS DA GESTÃO ESCOLAR DEMOCRÁTICA

Paulo Antônio dos Santos Júnior

Maria Jucilene Lima Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.82519150722

CAPÍTULO 23 222

ARTE AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA NA ESCOLA: REVENDO A LITERATURA, ENTENDENDO OS PERCURSOS

Lucas de Vasconcelos Soares

Maria Antonia Vidal Ferreira

DOI 10.22533/at.ed.82519150723

CAPÍTULO 24 228

A PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: EXPERIÊNCIA NO CURSO DE PEDAGOGIA EM EAD

Rosalva Pereira de Alencar

Waghma Fabiana Borges Rodrigues

Alexandre Ferreira Alencar

Viviane Rodrigues Mendes

Thiago Silva Garcia Duarte

DOI 10.22533/at.ed.82519150724

CAPÍTULO 25 240

INTERNET Y CINE COMO ALIADOS EN LA ENSEÑANZA DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN: UNA EXPERIENCIA EN BRASIL

Antônia de Araújo Farias

DOI 10.22533/at.ed.82519150725

SOBRE A ORGANIZADORA..... 249

INTERNET Y CINE COMO ALIADOS EN LA ENSEÑANZA DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN: UNA EXPERIENCIA EN BRASIL

Antônia de Araújo Farias

Universidade Estadual da Paraíba-Brasil
antoniaafarias@gmail.com

Para citar este trabajo:

Farias, A. (2017). Internet y Cine como aliados en la enseñanza de Historia de la Educación: una experiencia en Brasil. En Ruiz-Palmero, J., Sánchez-Rodríguez, J. y Sánchez-Rivas, E. (Edit.). *Innovación docente y uso de las TIC en educación*. Málaga: UMA Editorial.

RESUMEN: El Cinema, desde su origen, fue uno de los medios de comunicación innovadores, de finales del siglo XIX, que luego mostró su importancia para el estudio de la Historia. Inicialmente, un entretenimiento popular rechazado por las élites que cobró protagonismo al largo del siglo XX siendo considerado como la 7ª arte. Desde luego se prestó a favorecer narrativas sobre la historia humana en todos los tiempos, lo que hizo tan importante para la enseñanza de asignaturas como Historia. La internet vino cambiar profundamente las relaciones entre los ciudadanos y los medios de comunicación de masa. Con este nuevo recurso, pudo disfrutar del cine de modo más personalizado. En este sentido, los docentes hoy pueden utilizarse plenamente de las

posibilidades que el cine ofrece a la enseñanza de la Historia. El presente trabajo objetivó relatar una experiencia de práctica de enseñanza realizada en Brasil con alumnos y alumnas de un curso de Pedagogía en que con ayuda de la internet fue posible trabajar una unidad didáctica del contenido de Historia de la Educación en que además del uso del texto escrito de historia fue también vista dos películas relacionadas al tema, con la intención de demostrar para los estudiantes las potencialidades del uso de la internet para la enseñanza.

PALABRAS-CHAVE: Tecnología de la Información, Enseñanza Superior, Brecha Digital.

1 | INTRODUCCIÓN

Actualmente vivimos cercados por aparatos electrónicos de todo tipo que, bajo los avances tecnológicos, nos auxilian en muchas de nuestras tareas a diario. Con las nuevas Tecnologías de la Información y Comunicación el mundo se transformó tornándose cada vez más informatizado. La internet, como la más desarrollada forma de información y comunicación actual permite la conexión en tiempo real entre personas, empresas, países, regiones de todo el mundo moderno en tiempo

real independiente de cual sea la distancia. A través de ella podemos interactuar con tecnologías anteriores de comunicación como radio, cinema, teléfono y televisión.

Las posibilidades tecnológicas que nos ofrece la internet para la Educación son infinitamente mayores que nos ofrecía la radio, televisión y cinema. Es posible leer, en aparato electrónico, cualquier tipo de texto electrónicamente producido. Podemos leer textos escritos, ver películas, escuchar músicas, shows, documentarios, leer desde los libros más antiguos a los más recientes. Esto porque la internet integra todas las tecnologías anteriores de información y comunicación en apenas un sitio, la red. No obstante, igual que en épocas anteriores, la Educación siempre tuvo un relacionamiento extraño con las nuevas tecnologías en cada época que surgieron.

Irónicamente, por todo el siglo XX, la Educación no supo hacer buen uso de todo potencial que conllevan los aparatos electrónicos. Fue así con la radio, cinema, televisión y, actualmente, con la internet. En nuestros días, las posibilidades didácticas que dispone un profesor con el uso de la Internet para enseñanza de contenidos escolares son infinitamente más potentes que las tecnologías de los aparatos electrónicos anteriores dedicados a la información y comunicación. Tomemos como ejemplo las posibilidades de incremento didáctico en la enseñanza de contenidos de Historia a través de una película.

En este sentido, el presente artículo viene compartir, con educadores y público interesado, una experiencia didáctica con uso de TIC en la enseñanza de una unidad didáctica del contenido de Historia de la Educación con alumnos y alumnas de un curso de Pedagogía en Brasil. La idea partió de hacer buen uso de las TIC empleando los recursos disponibles en internet para la enseñanza de la Historia. Debido a las facilidades que tenemos hoy podemos ofrecer varias posibilidades de lectura sobre un tema en el estudio de historia.

Ofrecimos a los alumnos dos tipos de lecturas sobre el tema “La Educación en las Sociedades Primitivas”, una de texto escrito y otra de texto fílmico. Para el texto escrito se utilizó el capítulo primero del libro “Educación y Lucha de Clases” de Aníbal Ponce. Para el texto fílmico se utilizó dos películas: primero una de género narrativo, “10.000 a.C.” película escrita por Roland Emmerich y, otra de género documental, “10.000 a.C” producida por History Channel.

2 | FUNDAMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

La relación existente entre Cinema, Educación e Historia, remonta los orígenes del propio Cinema como una tecnología de comunicación empleada para representar la realidad, como fuera por tantos siglos, el Teatro. Una nueva tecnología que, inicialmente despreciada por las clases dominantes, cobraría después importancia y protagonismo por todo el siglo XX. Ganó el status de 7ª Arte por Vachel Lindsay en 1915, que influenció a los Estados Unidos ver al Cinema como un Arte de alto valor

(Turner, 1997). Afirma Turner que, a pesar del Cinema haber surgido en finales del siglo XIX, apenas después de la mitad de su segunda década empezó demostrar su valor debido a su éxito como narrativa universal a partir de la exhibición de los primeros largos metraje.

Para este autor esto se debe al hecho de que la humanidad siempre tuvo en la narración su forma de reproducirse culturalmente. Es sabido que, a través de las narrativas orales, antes del surgimiento de la lengua escrita, la cultura fue transmitida por historias que se repetían de generación a generación creando entre los individuos la sensación de pertenencia a una sociedad. El autor afirma que las narrativas son formas agradables de construirnos nuestro mundo y está comprobado que la mayoría de los pueblos del mundo se utilizaran de ella para construirse culturalmente.

Contar y oír historias parece ser una actividad típicamente humana que lo identifica como un ser de lenguaje y de cultura. El teatro cumplió el papel de narrar la vida con movimiento, sonido y color a través del arte de representar por muchos siglos hasta que surgiera el Cinema. Segundo Jean Claud Bernardet (2000), el intento de producir una narrativa en imágenes con movimiento antecede al siglo XIX. Según el autor, apenas el Cinema realizó este sueño de agregar movimiento en la representación de la vida por la imagen.

La Historia como narrativa de la humanidad ganó vida en el Cinema y lo sirvió de compañera, fundamentándolo en una disciplina exigente. Semejante situación ocurriera con el teatro que tuvo en las obras de Shakespeare el apoyo a su desarrollo. Esto confirma la íntima relación que puede haber entre letra e imagen. No obstante, afirma Marc Ferro (2008) que, en 1916, el futurista italiano Marinetti veía en el cinematógrafo el futuro de la educación para los niños por ser un aparato que deformaba de forma alegre el universo.

Quería decir Marinetti, con esta afirmación, que los libros como modo de conservar y comunicar el pensamiento era nostálgico, triste, como lo era catedrales, torres, museos, estando todos destinados a desaparecer. Para él, el cinematógrafo tenía la capacidad de acelerar la imaginación creadora, desarrollar la sensibilidad, era omnipresente. Creía que el Cinema reemplazaría la revista, al drama y al libro.

Cristian Metz (2001) comprende al Cinema como una técnica del imaginario, que corresponde a un periodo histórico específico de la sociedad capitalista marcado por civilización industrial. Según este autor una característica del Cinema que le confiere status de una técnica del imaginario es su propia forma de ser pues la mayor parte de las películas consisten en relatos ficcionales. Su base está ubicada en la fotografía y en la fonografía. El Cinema alimenta en el espectador una ilusión de realidad que mismo que sea consciente de la misma la busca.

No obstante, el potencial cinematográfico como medio de comunicación y educación fue poco aprovechado durante la primera mitad del siglo XX. Cuenta nos Marc Ferro (1992) que apenas los nazistas y los soviéticos, percibieron este potencial y lo utilizaron en la propaganda político ideológica y en la educación de las

masas. En ambos los casos, el uso del cine atendía a los objetivos de construir una nueva sociedad diferente de la establecida, cuyas élites veían al Cinema como un entretenimiento para las masas, una actividad para los pares.

En Brasil, según la estudiosa del tema sobre Cinema y Educación, el primero paso dado hacía la Educación apoyada por el Cinema fue entre 1920 y 1930 en la Era Vargas, así como es denominado en Brasil ese período histórico. Fueron de iniciativa del Estado como Educador. Los objetivos estaban inmersos en un clima de política populista al mismo tiempo modernizadora que esperaba de la Educación una acción de redención de los ciudadanos brasileños. Las relaciones entre el Gobierno de Getúlio Vargas estaba muy aliñadas con la ideología nazista de Eugenia (Catelli, 2005).

Actualmente, con los recursos tecnológicos que disponemos, el Estado ya no puede controlar lo que un profesor puede hacer con sus alumnos en aula. La internet para muchas realidades vino traer un cierto grado de independización en varios sentidos. En lo que dice respecto a la utilización de películas como medio de facilitación del aprendizaje, hoy es casi imposible que un profesor que desee emplearla en su clase sea impedido por algún órgano.

En verdad, existen otros impedimentos con respecto a esto que está más relacionados con la falta de aparatos electrónicos y estructura adecuada en las escuelas, incluso en las universidades. En este sentido, siempre que contamos con la metodología de asistir película para fines didácticos, sugerimos que los alumnos y alumnos lo haga en sus hogares. No obstante, ni todos consiguen con tanta facilidad debido muchas veces a no disponer de un aparato electrónico adecuado o a red de internet potente.

De cierta forma, es contando, muchas veces con la comprensión de los alumnos que intentamos desarrollar nuestras clases con dichas metodologías. Así que en el apartado siguiente será hecho un relato de una experiencia de enseñanza con uso de internet para asistir a dos películas relacionadas con un determinado contenido de Historia de la Educación. la referida experiencia tuvo como objetivo no apenas enseñar con películas, sino contribuir para la disminución de la Brecha Digital que casi todos estamos inmersos en ella.

En este sentido se buscó demostrar a alumnas y alumnos de un curso de Pedagogía en una universidad pública de nordeste de Brasil las posibilidades que existen para la enseñanza con Historia utilizándose de TIC. Aquí se consideró no apenas la internet como Tecnología de la Información y Comunicación, sino el propio Cinema. Así que se comprende que mismo siendo la internet una nueva tecnología de información y comunicación y de también reemplazar tecnologías anteriores a ella, no cría al Cinema, ni a la Televisión ni al Radio, los interconecta.

Este favorecimiento que tuvimos después de la internet es de que trata más específicamente este relato de experiencia con enseñanza porque se cree como una buena práctica de enseñanza con TIC. Así que al fin y al cabo se espera contribuir con

el debate sobre TIC y enseñanza en la Era Digital.

3 | EL CINE COMO TIC EN LA EDUCACIÓN

3.1 La lectura del texto escrito cómo metodología tradicional de enseñanza

Inicialmente, alumnos y alumnas tuvieron acceso a una lectura sobre la “La Educación en la Comunidad Primitiva” del libro de Aníbal Ponce “Historia e Luta de Clases” (Ponce, 2000) . El objetivo de esta primera lectura fue el de ofrecer a los estudiantes una versión marxista de la Educación en este período histórico, que nos ofrece una explicación para los orígenes de la sociedad dividida en clases y, consecuentemente, de los orígenes de dos tipos de educación: una direccionada a las clases dirigentes y otra a las clases dirigidas.

Durante la lectura de textos sobre la Historia de la Educación, que es la metodología tradicional empleada en la enseñanza de la Historia en general, se pudo poner de relieve aspectos importantes de los modos de vida en una comunidad en que la división del trabajo se hace necesario. Entre ellos, fue destacada la necesidad de división social del trabajo y de la necesidad de diversificación de la educación con el fin de beneficiar a todos los miembros.

La idea era enseñar que mismo con la necesidad de la división del trabajo entre sus miembros y diversificación de la educación entre los miembros de una comunidad primitiva, es posible vivir por el bien del colectivo sin poner los intereses personales por encima de las necesidades del colectivo. En seguida, de acuerdo con la lectura del texto escrito, se pudo notar como fue que surgió la división de clases en las sociedades humanas. En un primer momento, un grupo más pequeño fue destacándose de los demás, debido a sus puestos de trabajo que los ponían necesariamente en una condición de dirigentes, de administradores del trabajo del colectivo.

En un segundo momento, este grupo más pequeño fue manipulando el colectivo a elegir siempre los mismos administradores transformándolos en ocupantes casi vitalicios de estos cargos administrativos. La lectura del texto escrito nos enseña que entre tantas estrategias creadas por los administradores para mantenerse en el poder y someter todo el colectivo a sus propios intereses la creación de la función del sacerdote fue una de las más fundamentales. Según Aníbal Ponce, esta función desde sus orígenes estuvo muy relacionada con la formación de las identidades de los dos grupos de individuos en las sociedades de clases, dándoles sustentación ideológica.

Por vía de la religión, el sacerdote tomó para sí la responsabilidad de reproducir, por la educación, la estructura de clases presente en estos momentos en las sociedades humanas. Los dirigentes formados por una clase de gobernantes, sacerdotes y guerreros, principalmente, creando una conciencia de clase diferenciada de los demás miembros de la sociedad moldearon la estructura de clase social que

tenemos hoy.

3.2 Lectura de la película cómo metodología innovadora y crítica

El según momento del trabajo proporcionó a los alumnos y alumnas asistir la película de género narrativo “10.000 a.C.” cuyo objetivo fue el de hacer la lectura de la película ya con una lectura previa de un texto escrito sobre el tema. Fue pedido apenas que observasen con sus propios ojos críticos, en las enseñanzas, lo que se asemejaba o no la narrativa de la película con los temas estudiados en aula a partir de la lectura escrita. Fue pedido también que observara lo que les parecía mejor en la película con relación a la metodología de la lectura de textos escritos en la enseñanza de la historia.

En el encuentro realizado para el debate sobre la película, los alumnos y alumnas estaban muy eufóricos para hablar sobre sus impresiones de la película. El primer tema que abordaron fue sobre la versión de la película no coincidir totalmente con los temas abordados en la lectura del texto escrito. Partiendo de esta observación, pedí que todos hablasen, uno por vez, sobre la experiencia. Durante sus comentarios, se pudo notar que tenían muchos cuestionamientos al mismo tiempo que identificaban en varios momentos de la película, los temas debatidos en aula sobre el modo igualitario de las sociedades primitivas y el modo opresor de la sociedad de clases.

Debatían unos con los otros cuando trataban sobre los personajes y la trama de la película dejándome totalmente fuera del debate. En otros momentos cuando surgía alguna crítica o duda debido a las comparaciones que hacían entre la lectura escrita y la lectura de la película miraban a mí cobrando similitudes entre el texto escrito y lo fílmico. En estos momentos mi participación era de enseñarlos que el texto escrito es uno y el texto fílmico es otro, no es posible que coincidan porque son géneros distintos. Parecían todos con niños alegres por las descubiertas que habían hecho y que tenían a mí todo momento cuando había algo que no comprendían bien.

El objetivo de la lectura fílmica, fue primeramente la de ofrecer acceso a otro tipo de lectura que el libro no posibilita, advirtiéndolos para el cuidado de no valorar el texto escrito en prejuicio del fílmico ni lo contrario, sino percibir como es más rico, metodológicamente, aprender sobre la Historia con lecturas diferentes sobre un mismo tema. Por otro lado, se buscó a través de la película proporcionar el acceso a la actuación de los dos tipos de clases al mismo tiempo, cuando proporcionado el confronto entre las dos en una misma realidad.

Fue posible alumnos y alumnas percibieren, mismo que en ficción, lo que Aníbal Ponce decía sobre una sociedad primitiva tener división de trabajo y funciones, con educaciones distintas sin por esto someter a los demás, más al contrario, todos trabajando por el bien colectivo de la tribu. Y finalmente fue todo percibir la actuación de las clases dirigentes sometiendo a los demás a trabajar de modo forzado para beneficio de las clases dirigentes.

3.3 Lectura del documental fílmico y comparaciones

El tercer y último momento del trabajo proporcionó a los alumnos y alumnas asistir la película de género documental “10.000 a.C.” producido por la History Channel disponible en el You Tube. En este momento, a pesar del documental tratar sobre el tema de la película y no del texto escrito de Aníbal Ponce, todos pudieron profundizarse más sobre el tema de las sociedades primitivas. Cuando llegaron en aula para debatir sobre el documental, demostraron perplejidad con respecto a lo que habían aprendido con lo documental y que no estaba contemplado en el texto escrito.

En la película anterior al documental, no hay una precisión muy clara del tiempo en que se pasara aquella historia que era narrada en la primera película. El tono ficcional de la primera película tiene el atractivo de las imágenes y del fantástico que toda buena película ficcional ofrece. Como una buena narrativa, presenta personajes que prenden la atención del espectador y produce sensaciones que parecen reales durante la película. La buena ilusión que produce hace con que nosotros entremos emocionalmente en la historia narrada casi como se estuviésemos viviendo todo aquello.

Después que acaba la película con su narrativa fantástica, nos encontramos en nuestro tiempo real, en nuestra vida y nos preguntamos si lo que vimos ocurrió de verdad. Al contrario de la película de género documental, el hecho de ser producida también por actores, nos da la impresión de más realidad debido a la forma como es editada. Las enseñanzas siempre están conformadas comprobar lo dicho por quien presenta el documental. Además, en el caso de películas que son presentadas con imágenes de estudiosos hablando sobre los estudios científicos del tema, produce una impresión de casi verdad.

Durante el debate con los alumnos sobre la segunda película, ellos estaban más interesados en hablar sobre sus interpretaciones, más siempre pidiendo mi confirmación o entonces afirmando para sus compañeros que en la película había presentado. En estos momentos se pudo notar cuanto el Cinema hace diferencia en el aprendizaje. La euforia que demostraba los alumnos cuando comentaban sobre la película de género documental era como sí el hecho de ser un documental con autoridades científicas hablando, parecía más ser la verdad.

Después de esta experiencia, los alumnos evaluaron lo que habían visto como puntos positivos y como puntos negativos. Con respecto a los puntos positivos, los alumnos y las alumnas afirmaron que la metodología desarrollada en el enseño de Historia de la Educación tenía como principal punto el alargamiento de la comprensión del tema. Con respecto a los puntos negativos, sus quejas fueron con respecto a ni todos disponer de una buena internet en sus casas, lo que dio un poco de sensación de frustración. Sugirieron la posibilidad de asistir a próximas películas en la propia universidad. Pero otros no concordaron.

4 | CONCLUSIONES

El Cinema, inicialmente inventado con el objetivo de entretener a las masas fue visto por las clases dominantes como un entretenimiento de segunda clase por no presentar nada de arte. Las clases dominantes lo depreciaba por lo mismo motivo que después lo llenaría de honores y glorias: la imagen. Inicialmente criticado por ofrecer el retrato de la realidad por una máquina, durante el siglo XX tendrá sus tiempos de gloria por combinar un arte compuesta por el ser humano y la máquina.

Podemos decir, en cierta medida que, si el siglo XIX fue marcado por la producción industrial bajo el protagonismo de las máquinas, en el siglo XX las máquinas protagonizarían la producción cultural. Es el siglo en que la electrónica y sus aparatos moldearon las identidades sociales del hombre moderno. Un hombre de comunicaciones en tiempo real y entre cualquiera sitio en el planeta. No obstante, hay mucho que hacer por la Educación con respecto a los beneficios que puede tener con el uso de las tecnologías de la información y de la comunicación ya producidos.

En este artículo, el intento de contribuir con el debate sobre innovación tecnológica y educativa fue con respecto al potencial del Cinema como tecnología favorable a la educación. Sin embargo, las TIC, que hoy cuenta con la internet presenta potenciales imposibles de listar en el espacio de este texto. A pesar de ser el Cinema un invento tecnológico de final del siglo XIX y haber marcado nuestras vidas por todo el siglo XX, no ha sido todavía utilizado en su potencial educativo plenamente.

De medio de comunicación de masa obtuvo el status de arte para después ser banalizado como más una mercancía de la industria cultural, lo que ocultó sus potencialidades y tiene por todo este tiempo nos privado de disfrutar de lo que puede ofrecer al desarrollo humano. Con el recurso de la Internet, avanzamos en posibilidades más que nunca. Manejamos aparatos electrónicos produciendo en corta metraje nuestras propias vidas e historias. Somos nuestros propios editores de imagen.

Sin embargo, la Educación necesita cumplir con su papel en tiempos de medias electrónicas y educarnos para las medias. No podemos continuar subutilizando los recursos mediáticos que disponemos y perdiendo oportunidades de favorecernos a nosotros mismos, al nuestro propio desarrollo. Tomar imágenes a través de selfs no nos torna aptos a saber sacar mejor provecho de las medias, apenas nos hace consumidores compulsivos deseando cada vez más los aparatos más caros y de tecnologías actualizadas sin ni si quiera saber cómo operar. Hay mucho que innovar en la Educación con las medias y para las medias. No obstante, empecemos, mismo con todas nuestras limitaciones para dominar esta nueva realidad de las nuevas TIC.

REFERENCIAS

Bernardet, J. C. (2000). *O que é Cinema*. São Paulo, Brasil: Brasiliense.

Catelli, R. E. (2005). O cinema educativo nos anos de 1920 e 1930: algumas tendências presentes na bibliografia contemporânea. *Intexto*, 1(12), 1–15.

Ferro, M. (1992). *Cinema e Historia*. Rio de Janeiro, Brasil: Paz e Terra.

Ferro, M. (2008). *El Cine, una visión de la historia*. Madrid, España: Akal.

Metz, C. (2001). *El Significante Imaginario: Psicoanálisis y Cine*. Barcelona, España: Paidós.

Ponce, A. (2000). A Educação na Comunidade Primitiva. In *Educação e Luta de Classes* (17th ed., pp. 17–34). São Paulo, Brasil: Cortez. Retrieved from <https://pt.scribd.com/document/249181185/Educacao-e-Luta-de-Classes>

Turner, G. (1997). *Cinema como prática social*. São Paulo, Brasil: Summus.

SOBRE A ORGANIZADORA

Kelly Cristina Campones - Mestre em Educação (2012) pela Universidade Estadual de Ponta Grossa , na linha de pesquisa História e Políticas Educacionais. É professora especialista em Gestão Escolar, pela Universidade Internacional de Curitiba (2005). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (2004) diplomada para Administração, Direção e Supervisão Escolar . Membro do GEPTADO- Grupo de Pesquisa sobre o trabalho docente na UEPG. Tem experiência como docente e coordenadora na: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Médio, graduação e pós-graduação. Atualmente é professora adjunta na Faculdade Sagrada Família com disciplinas no curso de Licenciatura em Pedagogia. Tem ampla experiência na área educacional atuando nas seguintes vertentes: educação infantil, processo de ensino aprendizagem; gestão; desenvolvimento e acompanhamento de projetos ; tecnologias educacionais; entre outros.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-482-5

